

FUNCIÓN DE LA COMUNIDAD VIRTUAL EN LAS ASEXUALIDADES

O PAPEL DA COMUNIDADE VIRTUAL NAS
ASSEXUALIDADES

THE ROLE OF VIRTUAL COMMUNITIES IN
ASEXUALITY

Marta De Giusti
Asociación Escuela Argentina de Psicoterapia para Graduados
ORCID: 0009-0006-9930-788X
Correo electrónico: martadegiusti@gmail.com

Lorena Biason
Sociedad Chilena de Psicoanálisis
ORCID: 0009- 0007- 2939- 0515
Correo electrónico: lorenabiasonjara@gmail.com

Para citar este artículo / Para citar este artigo / To reference this article

De Giusti M. Biason L. L. (2023) Función de la comunidad virtual en las asexualidades
Intercambio Psicoanalítico 14 (2), DOI: doi.org/10.60139/InterPsic/14.2. 10/
Creative Commons Reconocimiento 4.0 Internacional (CC By 4.0)

O PAPEL DA COMUNIDADE VIRTUAL NAS ASSEXUALIDADES¹

1 Além das autoras, a Equipe de Pesquisa Assexualidades é composta por:

Mariana Rincón. Lic. Psicologia (UBA). Psicanalista. Membro da AEAPG. Esp. em Psicologia Clínica com Orientação em Crianças.

Eugênio Lafón Nieto. Lic. Psicologia (UNLP). Pós-Graduação em Psa. da infância e adolescência-Asappia. Colaborador docente na pós-graduação – ASAPPIA. Última publicação: revista digital “Controvérsias” (2023).

Débora Rydel. Mestre Psicologia Clínica, (UDELAR). Esp. em Psicologia nos Serviços de Saúde (Udelar), Esp. em Psicoterapia Psicanalítica nos Serviços de Saúde (UDELAR). Professora do Instituto de Psicologia Clínica Fac.de Psicologia. Membro da SPR. Membro da AUDEPP.

Miguel Maldonado. Lic. Psicologia Clínica. Psicoterapeuta psicanalítico. Psicólogo perinatal. Ex-presidente e secretário científico da Associação de Psicoterapia Psicanalítica.

imena Neuman, Lic. em Psicologia UBA. Psicanalista. Colaboradora na Cátedra de Fisiopatologia e Doenças Psicossomáticas da UBA. Estudos Interdisciplinares da Subjetividade em Filosofia e Letras UBA.

Dunia Samamé. Mestre em Sociologia. Psicanalista. Publicações: *Fobia, Vida e Afetos: Leituras Cruzadas Rolla e Lowen* (<https://www.rodulfos.com/fobia-vida-y-afectos-lecturas-cruzadas-rolla-y-lowen/>). *De lo inconsciente lo inaudito, o de lo que no se escribe*. Revista *Calibán* da Fepal.

Marta De Giusti²

Lorena Biason³

2 Marta de Giusti, Psicóloga (UBA).

Psicanalista. Membro Titular da AEAPG. Diretora da Diretoria de Pesquisa da FLAPPSP. Co-coordenadora da pesquisa FLAPPSIP *Assexualidades*. Partes I e II.

3 María Lorena Biason Jara, Psicanalista, Lic. em Psicologia pela Universidade de Chile. Mestre em Psicologia Clínica com concentração em Psicanálise. Professora de Pós-Graduação e a Clínica. Ex-Secretária Científica da FLAPPSIP. Co-coordenadora da pesquisa FLAPPSIP *Assexualidades* Partes I e II.

ITINERÁRIO ANTERIOR

A presente pesquisa, como já dissemos, é a segunda etapa de um estudo: **“Assexualidades: um enigma a decifrar? (...)”**. Nela trabalhamos de forma exploratória os discursos e narrativas de pessoas que se definem como assexuadas em diferentes comunidades e territórios virtuais.

A subjetividade e os vínculos em comunidades virtuais assexuadas foram abordados a partir de uma perspectiva psicanalítica. A partir de 92 postagens extraídas de sete comunidades virtuais assexuadas, selecionadas em cinco países do Cone Sul (Chile, Argentina, Uruguai, Brasil e Peru), foram construídas cinco dimensões a serem investigadas.

Motivaciones para formar parte de una Comunidad virtual foi uma delas. Chamou-nos a atenção pela sua recorrência e importância para este coletivo. É exemplificado por este post: *“Falem o que quiserem sobre rótulos, mas, quando sentimos que não nos encaixamos em nenhum lugar, não há nada melhor do que descobrir uma comunidade que se sente exatamente como nós”*.

INVESTIGAÇÃO SOBRE O ASSUNTO:

Para a pesquisa de fundo, foi efectuada uma investigação sobre o tema, incluindo as palavras - chave: comunidade, assexualidade e psicanálise. Encontrámos, revimos e seleccionámos obras em espanhol da América Latina e de Espanha, das quais recolhemos os resultados mais significativos.

Dana (2020) identifica e caracteriza a comunidade assexual da Área Metropolitana de Buenos Aires. Abordam o estudo a partir de uma perspectiva das ciências sociais. Utilizam como fontes as entrevistas semiestruturadas em profundidade com pessoas assexuais que se encontram em comunidades virtuais no Facebook, a análise do conteúdo virtual do grupo *do Facebook* "Eu também sou assexual - Argentina" (YTSAA) e a revisão bibliográfica e fontes secundárias (publicações em revistas ou suplementos de menor circulação sobre questões de género e sexualidade). Definem a assexualidade como baixa ou nenhuma atração sexual intersubjetiva. Entre os resultados, constataram que a assexualidade é ainda pouco numerosa e largamente desconhecida, e que está ligada principalmente através de plataformas virtuais. Manifestam a sua oposição à normatividade sexual e exigem um lugar nos espaços de diversidade sexual, a visibilidade e o respeito pela assexualidade como orientação sexual válida e a sua despatologização. Observa-se uma politização incipiente deste grupo, entendida como o seu aparecimento no espaço político público e a formulação de posições e exigências políticas particulares.

Gelpi e Suñol (2021) procuram promover o aumento da produção de conhecimento sobre a assexualidade a partir de um ponto de vista crítico, uma vez que esta ocupa atualmente um lugar periférico na agenda de investigação sobre a sexualidade humana na região. O estudo é abordado a partir do campo da psicologia, em diálogo com outras disciplinas. As experiências clínicas e a revisão da literatura são utilizadas como fontes. Não definem a assexualidade a priori, o que é precisamente parte dos objetivos da investigação, e cruzam os três elementos de como é atualmente abordada: orientação sexual, identidade ou perturbação. Os resultados consistem em ampliar a produção de conhecimento sobre a assexualidade, apontando a importância de se rever verdades inquestionáveis sobre a sexualidade humana, gerando questionamentos sobre a ética das intervenções com essa população.

Alvarez (2010) se propõe investigar a identidade assexual e compreender como são as pessoas que se definem como assexuais, que discurso as une e como este se torna significativo no seu quotidiano e, sobretudo, que impacto este fenómeno cultural pode ter nas formas sociais atuais de conceber as relações sexuais. Abordam esta investigação a partir do domínio das Ciências Sociais (antropologia social). Utilizam como fonte um questionário que foi respondido por 145 estudantes universitários, 79 mulheres e 66 homens. Definem as pessoas assexuadas como aquelas *que renunciam ao sexo, não o consideram importante nas suas vidas ou podem viver sem sentir necessidade dele*. Entre os resultados, nenhum dos entrevistados se definiu como assexual e há um grande desconhecimento

sobre a existência de pessoas assexuais. Trata-se de um grupo populacional jovem, em que a maioria manifesta um elevado interesse pelo sexo. Todos os inquiridos referem ter desejos sexuais e respostas sexuais. Ao mesmo tempo, exploraram sítios criados por assexuais na Internet para descobrir como esta forma de identidade é concebida e construída. Concluem que o clima social é propício ao acolhimento da assexualidade, mas o seu impacto cultural é atualmente muito reduzido. Além disso, a forma de entender e viver a sexualidade defendida pelos representantes do movimento assexual não forneceria argumentos suficientes para aceitar a existência de uma nova identidade sexual.

López Ruiz (2015) foca o aspeto sociológico, utilizando informações de postagens em plataformas virtuais e analisa os fatores socioculturais que possibilitam essa visibilização. Ela define a assexualidade como a ausência de necessidade ou interesse em manter relações sexuais. Conclui que a assexualidade é o resultado da liberdade de algumas pessoas em confrontar as convenções sociais estipuladas em relação à sexualidade.

Mera Adasme (2020) explora as experiências de oito pessoas pertencentes ao Agrupamento Assexuais Chile, com a intenção de investigar como se constitui uma identidade que não tem lugar de significado no mundo e como um grupo invisível tenta reivindicar uma categoria que lhes dê um lugar na diversidade. O estudo é abordado a partir da perspectiva da psicologia clínica. As fontes utilizadas são uma revisão da literatura, uma revisão dos discursos sócio-culturais contextuais e a exploração das experiências de oito pessoas pertencentes a uma comunidade virtual assexual. Define a assexualidade como uma outra orientação sexual, uma experiência não voluntária, egosintónica e não patológica. Os resultados sublinham o valor do encontro com uma comunidade que lhes permite reconhecer a sua própria identidade, ser capazes de se nomearem e deixarem de se sentir estranhos e invisíveis.

De Giusti e Biason (2022) na apresentação oral no XI Congresso da Flapppsi, "Sexualidade Revisitada, novos cenários na teoria, na clínica e na atualidade" definem a assexualidade como uma manifestação da sexualidade humana caracterizada pelo desinteresse pela prática sexual, que pode ou não ser acompanhada pelo desinteresse por relacionamentos amorosos, independente do gênero. Realiza-se uma investigação sobre subjetividade e vínculos em Comunidades Virtuais Assexuais a partir de uma perspectiva psicanalítica. As fontes são 92 postagens de sete comunidades virtuais assexuais selecionadas em cinco países do Cone Sul: Chile, Argentina, Uruguai, Brasil e Peru. São analisadas com base em 5 dimensões: Motivações para fazer parte dessa Comunidade, Características das pessoas com quem se relacionam mais intimamente, Emocionalidade predominante nas suas ligações (efectiva e desejada), Valorização da sexualidade/assexualidade, Autodefinição da própria sexualidade/versão do outro (alteridade) e do nós (identidade). Esta investigação conclui, ao contrário

de outras investigações, que a condição assexual produz sofrimento, sentimentos de tristeza ou algum grau de angústia. As pessoas assexuais são muito fortemente interessadas, de uma forma ou de outra, pelas várias tensões produzidas tanto pela compreensão da sua própria condição assexual como pelas pressões sociais a que estão sujeitas. Em relação à construção das comunidades virtuais, observa-se que elas buscam ensinar e divulgar, ao mesmo tempo em que possibilitam a legitimação e a visibilidade da própria identidade. As comunidades que encontraram na rede um meio de expressão, podemos pensar que funcionam como uma forma de desvio, verdadeiras linhas de fuga no sentido proposto por Deleuze e Parnet, como um movimento de desterritorialização que permite a estes colectivos recuperar a sua singularidade face ao que consideram ser a tirania da sociedade atual. Assim, as diversidades das comunidades assexuadas são o efeito de uma resistência à subsunção numa identidade única, e podemos pensá-la como a procura de um lugar, de uma comunidade, que se pretende polimorficamente construída.

Em resumo, é possível identificar que os estudos ligados à assexualidade tomam como fonte testemunhos expressos em comunidades virtuais, sem resultados ligados a abordagens clínicas ou sociológicas na população em geral. A população de assexuais é ainda reduzida, pelo que não existem muitos estudos sobre o assunto. A rejeição da sexualidade normativizada é expressa. O objetivo de pertencer a comunidades virtuais é visualizar as questões assexuais e dar legitimidade à sua própria identidade. Considera-se uma conquista gerar um discurso alternativo ao discurso normativo. Desta forma, estão a tornar-se um movimento político e ético em torno desta questão.

RELEVÂNCIA E PROBLEMATIZAÇÃO

O tema nos desafia como psicanalistas, convidando-nos a visitar novamente a posição da sexualidade em sua articulação com a cultura. Esperamos que nossa contribuição possa facilitar a compreensão da assexualidade dentro da dimensão do desejo, diferenciando-a do sexo; como um saber do corpo, uma linha de fuga micropolítica e mais uma possibilidade entre os muitos modos de existência.

Como objetivo geral, propusemo-nos analisar as modalidades e o papel da comunidade virtual na construção das assexualidades.

A nossa hipótese é que a comunidade virtual teria uma função psíquica de ligação, com efeitos de identidade. Tomando o conceito de identificação no sentido de uma operação de reconhecimento do idêntico, uma busca do "semelhante" que nos acompanha no investimento de novos objetos e interesses, postulamos que a comunidade virtual permitiria a assunção deste tipo de identificação, anteriormente negada no seio de uma cultura heteronormativa, que impõe o tipo de gozo permitido, influenciando a construção da subjetividade.

QUADRO ANALÍTICO.

A sexualidade é um campo permanente de disputa, em relação aos usos, prazeres e gozos dos corpos, produzindo lutas identitárias e de poder, com referências a discursos de verdade. Assim, para além de ser subjetivada, a vida sexual é interrogada como produto e objeto de consumo.

Na primeira parte da investigação, a assexualidade foi considerada como uma manifestação da sexualidade humana caracterizada pelo desinteresse pela prática sexual, que pode ou não ser acompanhada pelo desinteresse por relações amorosas, independentemente do género (Oliveira, 2014). Consideramos que o tema nos desafia enquanto psicanalistas, convidando-nos a visitar novamente a posição da sexualidade na sua articulação com a cultura. Esperamos que nossa contribuição possa facilitar a compreensão da assexualidade dentro da dimensão do desejo, diferenciando-a do sexo; como um saber do corpo, uma linha de fuga micropolítica e mais uma possibilidade entre os muitos modos de existência. Neste sentido, as pessoas que se autodenominam assexuais, afastam-se do modelo de sexualidade normativa e sublinham que a sua condição enquanto tal não está relacionada com traumas, repressão sexual, problemas hormonais, opção religiosa ou qualquer outro discurso patologizante de tudo o que não se enquadra nas representações hegemónicas. No entanto, as perspectivas queer sugerem que os assexuais apresentam uma sexualidade rizomática e polimorfa, ou seja, são uma outra forma de sexualidade.

A primeira parte da pesquisa abordou de forma exploratória os discursos e narrativas de pessoas que se definem como assexuais em diferentes comunidades e territórios virtuais. Nessa ocasião, uma das categorias que analisamos começou a chamar nossa atenção: Motivação para fazer parte de Comunidades Virtuais Assexuadas:

Vamos ouvir este post de um membro de uma comunidade online assexual:

“Falem o que quiserem sobre rótulos, mas quando sentimos que não nos encaixamos em lado nenhum, não há nada melhor do que descobrir uma comunidade que se sente exatamente como nós.”

Assim, nesta segunda parte, perguntamo-nos: de que se trata e que papel desempenham as comunidades virtuais em termos de motivação e participação para este grupo?

Sabendo que as tecnologias da informação e da comunicação permeiam a vida social, todas as dimensões da vida contemporânea passam pela sua utilização, nada escapa à tendência da hiperconectividade, mesmo que ela própria comporte contradições e efeitos colaterais, a assexualidade não escapa, portanto, a esta realidade.

As assexualidades, assim como outros colectivos de defesa da diversidade sexual, encontraram nas redes sociais um meio de expressão. Produzem um discurso que questiona a onnipresença da sexualidade na cultura, denunciando assim a fagocitação dos objetivos de libertação sexual que marcaram uma parte importante do século XX. A ordem sexual atual tornou-se uma mercadoria.

É assim que partimos do pressuposto da importância da tecnologia na vida atual. É através da tecnologia que as assexualidades são tornadas visíveis, numa tentativa de explorar outras formas de vinculação. Como continuação da primeira investigação, destacamos o lugar da comunidade virtual nestes colectivos, analisando a sua importância e funções para as assexualidades. O objetivo deste trabalho é refletir psicanaliticamente, a partir de um quadro plural, sobre as incidências de um sujeito que ajuda a pensar os novos cenários e as suas ligações.

COMUNIDADE: VÁRIAS CONTRIBUIÇÕES PARA A SUA ANÁLISE.

Contribuições de Freud para a compreensão da comunidade

A cultura comporta-se em relação à sexualidade como um povo ou uma camada da população que subjogou outra para a explorar. A angústia de uma eventual revolta dos oprimidos leva à adoção de medidas preventivas severas. A exigência de uma vida sexual uniforme para todos, que resulta nestas proibições, ignora as desigualdades na constituição sexual inata e adquirida dos seres humanos, segrega um bom número deles do gozo sexual e torna-se assim uma fonte de grave injustiça. (Freud, 1930, *O mal-estar na cultura*).

A partir desta frase, torna-se claro que os modos predominantes de satisfação libidinal oferecidos por cada cultura fazem parte dos mecanismos reguladores, disciplinares e de controle social que podem adquirir diferentes graus de intensidade e imposição. Interrogamo-nos sobre o destino dos sujeitos que não respondem a tais constelações legitimadas na ordem social. Deste modo, as singularidades sexuais tornam-se uma problemática complexa, com diferentes arestas: sexuais, de identidade sexual, políticas e éticas.

Freud, no seu artigo de 1908 “Moral Sexual Cultural e Nervosismo Moderno”, diz-nos que cada momento histórico social indica a forma de satisfação sexual em que está implicada, tanto o que deve ser abafado como a importância da sua incidência nas diferentes formas de viver em comunidade.

Em 1933, no livro “O Porquê da Guerra”, volta a mencionar a comunidade no par de opostos da violência e do direito; e diz-nos que, desde o início, os conflitos de interesses entre os povos foram resolvidos através da violência: primeiro pela força bruta, depois pela força das armas. No decurso da evolução, este estado de coisas alterou-se. Um certo caminho conduziu da violência ao direito. Ou seja, a partir do estado original, a regra do poder impõe-se de várias formas, que podem atuar conjunta ou alternadamente: a força bruta, as armas e o intelecto.

Como alternativa a um poder único, o caminho, segundo Freud, é que a maior violência do Um pode ser compensada pela união de vários fracos. A violência é então suplantada pela união. Ora, o poder desses sujeitos unidos constitui o Direito em oposição à violência do Um. Assim, o Direito é o poder de uma Comunidade, desde que essa união tenda a ser permanente e duradoura.

Contribuição de Nancy: Construir a comunidade para construir a singularidade?

Pensamos do ponto de vista de Nancy em três tempos: o primeiro, em que a unidade do sujeito é problematizada, ele é aberto ao acontecimento, exposto ao mundo, arriscado, esvaziado entre vários presentes; um segundo momento, no ato de existir, o sujeito é singularizado, na geração de algo diferente de si mesmo, apesar da pluralidade de sentidos que adquire, podemos dizer que “é” a mesma pessoa; no terceiro, trata-se de pensar o sujeito como um acontecimento constante, em cada instante de exposição e abertura ao mundo, supõe uma pluralidade do eu, mas também, mantém o primeiro e o último de si mesmo.

Um sujeito lançado no mundo, pensa Nancy, um sistema aberto, diria Bleichmar. Pensamos num sujeito que também consegue historicizar-se e, a partir daí, mantém o primeiro e o último de si próprio, o que lhe permite continuar a reconhecer-se neste fluxo. A comunidade abriga esses movimentos.

Contribuições de C. Castoriadis. Psiquismo e sociedade

Para Castoriadis, não há psique sem sociedade: não há subjetividade humana sem sociedade. É esta sociedade que retira a psique da mónada fechada em si mesma da sua origem. É o que o autor assinala sobre a mónada psíquica, a mónada inconsciente original a-racional, a-social e a-moral, que ela tem de abandonar para ser sujeito na cultura. Um psiquismo original regido pelo princípio do prazer, antecâmara do desejo, que traz ao desejo o seu objetivo impossível, o de um estado em que a presença do “objeto” e a satisfação estão asseguradas, em que o “sujeito” e o “objeto” do desejo se cobrem um ao outro.

O psiquismo humano não sobrevive fora da significação e será a sociedade que garantirá essas significações, que permitem, com diferentes espessuras simbólicas, figurar algo da pulsão, mesmo na loucura, não se fica fora das significações do imaginário social. Embora se deva notar que há sempre um resto a ser significado, um resto que escapa ao fechamento do pensamento. Castoriadis propõe uma explosão da imaginação. Chamará imaginação radical ao fluxo de representações, afectos e desejos. Um fluxo que, tal como a água de um rio, não pode ser completamente canalizado.

O Eu é pensado como uma fabricação essencialmente social, o que torna impossível analisar a sua função sem considerar o campo sócio-cultural em que o sujeito está imerso. É através da socialização que o psiquismo abandona as suas próprias identificações em troca da interiorização e do investimento de significados imaginários sociais, fazendo assim o sujeito o laborioso percurso de abandono de si próprio como fonte de todo o prazer.

Face ao exposto, o que a sociedade não deixa de fazer é dar sentido aos sujeitos. O que acontece na psique do indivíduo quando este sentido é fraturado?

Propomos que as comunidades virtuais assexuadas, cansadas pelo imperativo do dever ser, iniciem um caminho em direção ao instituinte, alimentadas pelo fluxo da imaginação radical, realizem movimentos, trânsitos, que, como linhas de voo, possibilitem uma maior autonomia e criatividade em relação às fontes de sentido propostas.

Desta forma, na procura de novos objetos para investir, a comunidade virtual assexuada chega a formular enunciados que lhe permitem identificar-se com os outros e, a partir daí, reconhecer-se a si própria.

As contribuições de S. Bleichmar. O conceito de Identificação

Concordando com Bleichmar, tudo nos leva a pensar que o valor que o conceito de identificação foi progressivamente assumindo na psicanálise é sustentado pelo fato de não ser considerado como um mecanismo entre outros, mas como “a operação fundamental que gera as condições de instituição da subjetividade, propiciando as exigências da constituição psíquica” (1995).

Muitos analistas consideraram necessário procurar, não só na teoria, mas também na própria clínica, os movimentos constitutivos da semelhança humana que pudessem dar conta dos processos de humanização. A identificação parece, então, ser o caminho adequado para isso.

Seguindo esse caminho, podemos assinalar que o surgimento do conceito de identificação tal como pretendemos tratá-lo aqui, ou seja, como um processo pelo qual um sujeito assimila um aspeto, uma propriedade ou atributo de um outro e é total ou parcialmente transformado, não alude em Freud, em absoluto, à constituição do inconsciente, mas do ego como órgão libidinal atravessado pela presença do semelhante na instalação de seus conteúdos representacionais.

Neste ponto do nosso desenvolvimento, é necessário um esclarecimento: sabemos que existe um segundo sentido possível para a palavra “identificação”, tal como foi também utilizada em psicanálise, que consiste numa operação de identificação, isto é, de reconhecimento como idêntico. Esta forma de conceber a identificação, embora não seja dominante no pensamento freudiano e não tenha o peso que o conceito de identificação em sentido estrito assume na constituição subjetiva, é encontrada em Freud para se referir a um mecanismo geral da vida psíquica, quando descreve as características do trabalho do sonho que opera por semelhança - um mecanismo que também opera na vida psíquica geral, que poderíamos estender aos movimentos transferenciais que “identificam” o analista com certos traços das figuras originárias da história libidinal do sujeito, mas que estão presentes em todos os movimentos da vida psíquica que, por deslocamento, estendem os processos de investimento que dão origem do amor ao interesse pelo conhecimento e “pelo outro”.

Pensamos que é necessário encontrar as ligações entre os dois conceitos de identificação,

ou seja, a correspondência entre “identificar um objeto com outro” e “identificar-se a si próprio”.

“Falem o que quiserem sobre rótulos, mas quando sentimos que não nos encaixamos em lado nenhum, não há nada melhor do que descobrir uma comunidade que se sente exatamente como nós.

Que lugar ocupa então o intersubjetivo, tanto nas origens do sujeito como ao longo dos movimentos com que a libido investe os seus objetos nos processos psíquicos relativos ao aparelho já constituído?

As contribuições de Laplanche. A cuba, articulações com a comunidade Laplanche (1987) propõe o termo cuba para pensar os modos de expressão da transferência. Os elementos que existem na vida quotidiana, como os sonhos e a transferência, têm uma existência anterior à análise e exterior a ela. Mas para que uma análise exista, é preciso gerar uma situação artificial, inteiramente construída.

Tomamos a ideia da Cuba, como um espaço contendor, que traça limites e permite o desdobramento. Onde o pensamento sobre determinadas questões é permitido, não limitado. Onde as pessoas que o constituem podem - nos termos de Nancy - lançar-se a pensar fora do que já foi pensado, lançar-se em movimentos fora de si, em movimentos reflexivos - Castoriadis 1998 - que patrocinam novas tramas representacionais.

Consideramos que a força do conceito de Cuba reside, neste caso, no coletivo da comunidade virtual - uma outra armadura artificial - e no modo como este coletivo actua como um continente, como um envelope amoroso, vivificante, simbolizante, aglutinador, transformador, que em muitos casos inaugura a possibilidade de pensar e de se pensar, de abrir-se e de desdobrar-se. A comunidade virtual assexuada, que comparamos ao papel de uma membrana psíquica.

Nenhum sujeito deixa em suspenso os seus axiomas, as suas certezas, aquilo que fez do seu pensamento a sua base, para os substituir gratuitamente. A atividade reflexiva que declama a Imaginação Radical, e a liberta no seu fluxo, permite criar novos mundos autónomos, individuais e partilhados. Para que o sujeito se lance fora das suas certezas e mergulhe no rio heraclitiano da Imaginação Radical - impulsionado pelo exercício da reflexão - é preciso investir o pensamento, correr um certo risco no movimento. Estes movimentos, esta reflexão, não ocorrem no vazio, não ocorrem sem um fundo de permanência, e aquilo que exerce esta função é, na nossa ideia, a comunidade como continente, como cuba. Dentro da qual é possível colocar os elementos inconscientes sem o risco de desestruturar o ego.

METODOLOGIA:

Trata-se de uma abordagem qualitativa, exploratório-descritiva.

As suas fontes serão pessoas que se definem como assexuais e que participam em comunidades virtuais na América Latina.

A estratégia de pesquisa de informação será predominantemente a realização de entrevistas semi-estruturadas a pessoas seleccionadas através de convites à apresentação de candidaturas com orientações específicas no âmbito das comunidades virtuais (onde o anonimato é protegido, com especial cuidado para não serem homologadas a estudos psicopatológicos ou estigmatizantes).

Para a análise, serão utilizadas técnicas de análise de conteúdo.

De Giusti, M. Biason L., Barbirato, M.A., Cantis J., Cabuli, A., Maldonado M., Morales, C. Messina, L., Ortiz, V., Samamé, D., (2022) Assexualidades: um enigma a decifrar? Subjetividade e vínculos em comunidades virtuais assexuadas. Revista Intercâmbio Psicanalítico FLAPPSIP. XIII, 2, 153- 167.

Gelpi, G. e Suñol, N. (2021). Reflexões sobre a assexualidade a partir de duas experiências clínicas no CRAm. Revista do Laboratório Iberoamericano para o Estudo Sócio-histórico das Sexualidades, 5, 99-119. <https://doi.org/10.46661/relies.5334>

López Ruiz, M. T. (2015) Sexo em tempo de crise global: a assexualidade como nova forma de identidade. Tese de doutoramento, Universidade Nacional de Educação à distância, Espanha.

Laplanche, J. (1987). A cuba. Transcendência da transferência.

Problemáticas V. Amorrortu. Buenos Aires.

Laplanche, J. (2001). Novos fundamentos da psicanálise. Amorrortu. Buenos Aires

Mera Adasme, L. (2020) - Narrativas identitárias em pessoas assexuadas.

Mestrado, Universidade de Chile, Santiago, Chile. Nancy,

J-L. (2017) Um sujeito? Edições A Zebra. Bs.As

Oliveira, E. R. B. (2014) Minha vida de ameba: scripts sexo-normativos e a construção social das assexualidades na Internet e na escola. 225 f. Tese de Doutorado em Educação, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.